

O Mundo Inscrito

Juliana Cristina Costa

Os pais não sabiam mais o que fazer. A filha tinha crises diárias, não tinha medicamento que resolvesse, vinte quatros horas por dia os pensamentos borbulhavam na mente e tudo era questão de indagação, tudo era recheado de porquês. Isto iniciou quando ainda era pequena, aos cinco anos de idade, tudo que observava indagava o porquê. Certa vez em tão tenra idade diante de uma atitude arrogante da vizinha com o porteiro do prédio, perguntou-lhe: - Toda esta arrogância lhe serve para quê? A vizinha reclamou com a mãe da menina sobre a tamanha insolência e ainda aconselhou que era para por limites quando ainda era a criança pequena, pois depois que cresce pensa que é rainha do mundo. A mãe chamou a atenção da filha, a menina que ouvia as reclamações da vizinha, perguntava a mãe: - Mãe, não deram limites a vizinha quando ela era da minha idade? A mãe colocou-a de castigo, disse que não poderia falar daquele modo com os adultos. A menina mesmo assim indagava a si mesmo: - Porque os adultos não gostam de ser questionados? E esta pergunta ainda aparece na multidão de pensamentos que lhe aflige em seus dezoito anos de idade.

O primeiro namoro durou dois dias, o namorado era filho de amigos da família, todos estavam felizes com o relacionamento. A jovem gostava do rapaz, entretanto certa vez diante de uma atitude de superioridade dele em relação a ela, indagou: - Você se acha melhor porquê? O jovem reclamou com a mãe da jovem de que ela o humilhava muito, terminou o namoro sem avisá-la. A mãe aconselhou que se a filha continuasse desse jeito jamais arrumaria um marido. A jovem indagou: - Mãe, eu preciso ter um marido para ser feliz? A expressão facial da mãe mudou, a menina cresceu e com a elas a profundidade daquilo que perguntava, a mãe ficou preocupada, pensou, quem muito pergunta fica louco, não quis ter uma filha louca, marcou no dia seguinte um médico.

Uma série de exames foram feitos, ressonâncias magnéticas e endoscopias, tudo para achar a raiz do problema, mas nada foi detectado, recomendou-se a psiquiatria, o psicólogo saía das consultas irritado, pois considerava incomodas todas aquelas perguntas, um dia para jovem perguntou se não era chato fazer tanta pergunta, ela respondeu: - O senhor faz poucas, isto não lhe é chato? A gota que precisava para abandonar a paciente. Recomendou um psiquiatra, este receitou medicamentos, a jovem perdia cabelo, mas não perdia os pensamentos. E por muito tempo os consumiu, depois desistiu, e mesmo que o médico receitasse não dava ouvidos, colecionava comprimidos, brincava de lançá-los no sanitário, enquanto na mente incessantemente um mundo se construía, inscrevia-se.

Fazia curso superior em direito, pois certa vez a vó lhe disse que o tanto que perguntava teria muito sucesso em ser advogada ou investigadora. Adorava as aulas de direito, o professor trazia situações que precisavam ser pensadas e pensamentos não lhe faltava sobre as coisas, saía-se bem. Mas certa vez, o professor disse que era necessário defender pessoas que sabemos que eram culpadas. A jovem universitária então o perguntou: - A justiça jamais existiu?

O professor demonstrou irritação, mas mesmo assim respondeu que a justiça existia sim, mas nossa profissão não é trabalhar de graça, se nos contratam devemos servir os clientes independente de quem eles sejam. A mente superlotava, mas uma pergunta surgia: - Somos vendedores de justiça? O professor se irritou, insultou, expunha a burrice da pergunta, lamentava uma aluna assim. Mesmo diante da fúria a jovem não renegava o pensamento e ele surgia: - Burrice para o senhor é confrontá-lo no que diz? A jovem foi reprovada na matéria, mas em todas as aulas indagava e de alguma forma isto lhe entristecia, pois vivia cheia de perguntas sem resposta.

Aos quarentas anos e com dois filhos, uma moça de quinze e um rapazinho de dez, nenhum herdou a doença da mãe. Casou-se com Rodolfo, conheceu-o na universidade, apaixonou

porque ele ouvia as suas perguntas sorrindo e buscavam com ela todas as respostas. Se compreendiam mutuamente. Desistiu de exercer a advocacia, Se pós-graduou e começou a lecionar no curso de direito da Universidade em que estudou. Adorava a profissão, seus alunos reclamavam que as suas provas eram as mais difíceis, mas sempre brincavam com eles dizendo que era só fazer para si as perguntas que encontrariam a resposta. Que era para se perguntarem, incessantemente, até que surgisse um resquício da resposta, muitos assim fizeram e se saíram bem nas provas.

A professora tinha uma rotina agitadíssima, estudo, preparação de aula, relatórios, etc. A semana era corrida, os pensamentos não incomodavam mais, porém estavam sempre presentes e intensos, talvez acostumou com todo aquele caos na cabeça. Por muito tempo se recusou a dirigir, pois dizia que qualquer pergunta era risco de acidente, o marido a levava e trazia do trabalho. Desenvolveu enxaqueca, sempre uma vez na semana a dor de cabeça surgia, anulando toda possibilidade de pergunta. Sentia dor, mas era o único momento em que se sentia normal, igual as outras pessoas, em que só pensava em uma única coisa: A própria dor.

Todos da família já sabiam que durante o momento de enxaqueca não poderia incomodá-la. A mulher ficava deitada e sem abrir as cortinas, era a escuridão e a dor, nenhum barulho, ambiente propício para perguntas, porém só existia a dor. No outro dia, quando passava a dor, a mulher sentia fome e sede, acordava e ia para cozinha; a filha também acordava para se preparar para ir ao colégio, beijava a mãe e preparava junto o café da manhã. Enquanto preparava, a filha perguntou: - Mãe, como é pensar a todo momento? A mulher assustada com a pergunta, sorriu, e perguntou: - quer conversar sobre isto agora tão cedo? A filha respondia com a cabeça positivamente. A mãe explicou que pensar a todo momento é ter um mundo inscrito na alma, onde se ouve tudo e se ver tudo. A filha ainda indagou: - É como ser Deus?

A mãe tristemente respondia: - Não, é como ser simplesmente humano e com poderes de Deus.

A jovem percebeu a tristeza da mãe e buscou animá-la. Dizendo que era melhor pensar demais do que nada se pensar, como se a existência fosse nada. Sabia que a mãe não assistia televisão, pois tudo que via indagava incessantemente, principalmente as tragédias anunciadas. A filha dizia a mãe que era melhor pensar do que acostumar-se a comer assistindo a tristeza alheia, que queria ser como ela, pensar sobre as coisas a todo momento, de ter este mundo na cabeça a pensar o mundo que está no lado de fora. A vida em um mundo só já era difícil, imagina em dois, sorria para mãe. A filha despediu-se para ir à escola. Na sala de aula, o professor explicava a história do Brasil, a famosa chegada dos portugueses. A jovem fez uma pergunta ao professor: - Professor se tudo foi tão pacífico aonde estão todos os índios? O professor disse não saber, a turma riu da pergunta.

A aula prosseguia, a menina percebia que seus pensamentos eram como gotas de uma cachoeira seca, percebia a mãe como heroína. E pensava consigo mesmo:

- Por que só ela foi nascer assim?